

A DIMENSÃO SIMBÓLICA DO PAGAMENTO NO TRATAMENTO¹

Diego Felipe Portolann², Normandia Cristian Giles Castilho³.

¹ RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTAGIO COM ÊNFASE EM PROCESSOS CLÍNICOS DO CURSO DE PSICOLOGIA NA UNIJUI

² Aluno do Curso de Psicologia da UNIJUI

³ Mestre em Psicopatologia e Psicanálise - Universidade Paris 13 - França. Professora do Curso de Psicologia-DHE da Unijuí.

Este trabalho surge a partir de indagações vivenciadas ao longo do estágio de Ênfase nos Processos Clínicos do Curso de Psicologia, oferecido como componente de estágio curricular nas etapas finais do curso, tendo como finalidade a pesquisa e reflexão que o tema aborda com base na experiência prática do estagiário quando, ainda, encontra-se em processos de formação profissional.

O estatuto de estagiário de Psicologia implica uma mudança de lugar de aluno de psicologia para estagiário terapeuta. Esta alternância de lugar é evidenciada pela relevância dos interrogantes quanto à postura do estagiário/terapeuta, quando é convocado a ocupar um lugar diferente daquele que estava habituado, seja pela demanda da instituição da Clínica (UNIJUI), seja pelo real do encontro com o paciente.

Sobre a angústia do estagiário/terapeuta frente a uma prática do não saber, poder-se-ia pensar inúmeras outras questões que são recorrentes a essa prática clínica, contudo, vou me ater exclusivamente a uma temática que é pertinente à clínica psicanalítica, a qual está pautada pelo conceito de transferência e que opera a partir de formações inconscientes; o pagamento enquanto o seu valor fálico e simbólico e, também, a eficácia deste para a continuidade de um tratamento.

Tratar de questões de dinheiro nos importa não pelo dinheiro em si mesmo, ou seja, a prática psicanalítica não se atém a ouvir isso como se fora uma relação comercial, mas sim, entendê-la como algo a ser tratado semelhante a uma formação do inconsciente, como ato falho, esquecimento, sonho e sintoma. Com a pertinência do pagamento em questão, durante um tratamento, provocamos o inconsciente a trabalhar, em razão do mesmo estar investido pelo circuito pulsional do sujeito.

O que nos interessa pensar é a relevância do "pagar", pois se espera que seja efetuado com satisfação, na medida em que o sujeito possa assumir algo de seu desejo e, portanto querer saber do seu sofrimento. Ao fato de pagar, independentemente de haver ou não prazer nisso, se espera uma implicação no ato, não sendo apenas em cifrão. Mas como conseguir fazer isso sem cair numa prática de assistencialismo?

A esse propósito, usamos de um relato de Freud sobre o sonho de uma moça que conseguira continuar o tratamento apesar da opinião contrária de sua família: "Sonhou que seus familiares a haviam proibido de continuar a consultar-me. Lembrou-se então de uma promessa que eu lhe fizera de que, se necessário, eu continuaria o tratamento sem pagamento. A isso respondi: Não posso fazer nenhuma concessão em assuntos de dinheiro." (Freud, 1972, p. 168). Freud comenta que nunca lhe prometeu atendê-la gratuitamente, mas que o irmão da paciente pensava que ele, Freud, o faria,

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XXIII Seminário de Iniciação Científica

concluindo então que o objetivo deste sonho era dar razão a seu irmão. E mais, que essa mesma ideia, de não ter que pagar pelo que queria, dominou toda a vida da paciente e era o motivo de sua doença.

Mais adiante, em 1913, (1969) Freud também nos orienta sobre a importância do dinheiro a ser colocado como um dos pontos capitais a ser tratado no começo de uma análise, além de especificar também o valor comumente dado, posto que, quando o paciente aborda a questão do dinheiro o terapeuta deve atribuir isso a devida relevância simbólica do que está sendo dito, ou seja, entendendo que o dinheiro circula como padrão fálico social nas relações de trocas. Inserir essa lógica no tratamento também é uma forma de fazê-lo trabalhar sobre suas questões. A colocação do pagamento coloca o inconsciente a trabalhar. Logo, recomenda-se que não sejam oferecidos tratamentos gratuitos ou amenização do valor, em razão de não potencializar as resistências do neurótico, visto que o trabalho analítico consiste em responsabilizar o sujeito por seus atos, assim, através do pagamento, implica-lo naquilo que sofre.

Mas será que ele já não paga com todo o sofrimento de seu sintoma? Talvez, mas não o bastante para abandoná-lo. Sobre isso, sugiro primeiramente uma breve reflexão sobre a relação sintomática do sujeito com o seu sofrimento, considerando que essa também é uma forma de satisfação. A partir disso, articularei essa temática à ideia do pagamento no tratamento.

Para cada paciente que ingressa na clínica, portando junto a sua bagagem estrutural, sua singularidade e subjetividade da queixa, interessa-nos interrogar àquilo que seria denominada por Freud (1917), na conferência XXIV das Conferências Introdutórias, uma espécie de ganho secundário, uma consequência da doença, para justificar a fixação e, inclusive, a dificuldade do neurótico em se desvencilhar de seus sintomas; permanecendo no sofrimento. Ainda na lógica de Freud, o ego teria “pago caro demais por um alívio do conflito” (pg. 447) e que isto implicaria, também, no “aumento de desprazer” à qual, o ego, sentindo-se ameaçado, viesse a mobilizar poderosas resistências – opondo-se ao tratamento- que psicossomatizariam sobre o corpo desse sujeito. Esta aparente antinomia entre prazer e desprazer estaria equacionada ao sintoma, isto é, uma realização substitutiva contendo em si uma satisfação e também um sofrimento. Sendo assim:

Apaziguar um conflito construindo um sintoma é a solução mais conveniente e mais agradável para o princípio de prazer: inquestionavelmente, poupa ao ego uma grande quantidade de trabalho interno que é sentido como penoso. Na verdade, há casos em que até mesmo o médico deve admitir que um conflito terminasse em neurose constitui a solução mais inócua e socialmente mais tolerável. (FREUD, 1917d, p. 445-446)

O sofrimento e a dor que sentimos por cada investimento frustrado se manifesta através de sintomas, tanto no corpo como nos pensamentos. A queixa, que muitas vezes se torna uma resposta a esse sofrimento, atua na tentativa de ludibriar a falta, - inerente à castração simbólica - amenizar o desprazer em razão do ego seguir o regime do Princípio de prazer. Contudo, chamo a atenção do leitor para o ganho secundário, citado logo acima, que se obtém desta queixa, isto é, uma espécie de gozo, gerado desse circuito, que convoca o sujeito à insistência da repetição cristalizada do seu

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XXIII Seminário de Iniciação Científica

sintoma. Então, apontar ao paciente a satisfação que se têm do seu sofrimento e conduzi-lo ao próprio questionamento quanto a sua contribuição naquilo que sofre, é uma tarefa importante e necessária para o terapeuta, entendendo que é a partir disso que poderemos situar uma demanda e, portanto, falar em pagamento.

Neste primeiro momento, durante a construção de uma demanda de tratamento, - terapeuta e paciente - atribui-se, ao pagamento, um papel importante no ato de simbolização da subjetividade do sujeito, ou seja, o pagamento, que é representado pelo “Real” (no sentido moeda corrente), implicaria no sujeito a responsabilizar-se pelo seu infortúnio sem que este se esqueça pelo que estaria pagando. E mais, o ato simbólico de “pagar” diz respeito à tentativa de saldar uma dívida para com o Outro, que, na relação transferencial durante o tratamento, é sustentado pelo terapeuta/analista que se faz objeto para receber e acolher todo o endereçamento que esse paciente acredita ser a causa do seu sofrer. Dívida impagável, - pois tem haver ao fato de estarmos inserido na linguagem - e ao se dar conta que não pode paga-la, o paciente pode tanto abandonar a terapia ou então, o que se espera durante um tratamento, que o mesmo consiga se apropriar dessa condição de dívida, saindo, então, da condição de alienação a esse Outro para o registro da responsabilidade de seus atos.

A partir disso, caber-nos-ia aqui a seguinte indagação: Se o pagamento compõe uma dimensão simbólica para o sujeito, como estipular um valor compatível a este? Sobre isso, faço uso das palavras da autora Cristina Herrera, tomando como referência as obras de Freud, a mesma situa: “... o pagamento como um ato que, enquanto articulador do laço social tem um valor de responder, de maneira singular por algumas trocas que estabelecem e constituem o espaço de uma análise”. (Correio da APPOA, Junho de 2000,p.65). Ou seja, o valor a ser pago pode ser pensado como um significante que organiza e é organizado pelas relações sociais, o que não significa que a partir disso deve existir uma padronização deste. Este significante pertencente à cadeia simbólica, que tem o seu registro no inconsciente, vai dizer dos investimentos que são atribuídos no ato da formação de compromisso do tratamento. Todavia, a possibilidade de escuta no sentido de acolher esse paciente e, conseqüentemente, a construção de uma demanda de tratamento, diz respeito a seu sofrimento, angústia, e a supor um saber sobre si no terapeuta/analista, que, através da relação transferencial, implicará na simbolização de um valor a ser pago.

O pagamento é uma das ferramentas fundamentais no tratamento, para a psicanálise. Conforme a citação acima, a importância desse recurso se dá devido ao lugar simbólico e fálico que o dinheiro ocupa na dimensão social e, portanto, especificamente nas relações de trocas entre as pessoas. Freud (1917), no trabalho As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal, coloca o dinheiro na equivalência simbólica – seio, fezes, genital e o bebê; todos fazendo parte de elementos narcísicos altamente valorizados pelo sujeito ao longo do seu desenvolvimento. Logo, se o dinheiro ocupa um lugar na cadeia significante, podemos através dele percorrer a cadeia retroativamente. Conforme afirma, Antônio Quinet (2009) “Portanto, como faltante, ou seja, como substituto do objeto que representa a falta, isto é, a castração, o dinheiro entra na série dos objetos destacados do corpo.”

Notamos aí, então, além da posição do dinheiro na cadeia significante, também a sua articulação junto ao pulsional do corpo, que se destina à satisfação, um quantum de satisfação, não

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XXIII Seminário de Iniciação Científica

se representando por si só, apenas pela via do significante. Ainda, Quinet (2009) “o dinheiro pode permitir amodar esse capital do sujeito que Freud chamou libido”. O sintoma carrega a articulação significante do sujeito, com a qual trabalhamos na associação livre, mas também uma quantidade de satisfação pulsional, da ordem do gozo. O dinheiro é um objeto que alcança essas duas dimensões, porque tem valor significante e de perda, a renúncia de satisfação narcísica.

É preciso dar de si, porém não mais nos moldes daquela relação alienada ao desejo do Outro, em que o sujeito dá aquilo que lhe é mais precioso para ser amado, ou seja, um trabalho na realização do desejo do Outro. O trabalho da análise é de dar de si para si mesmo. Para realização e satisfação de seu próprio desejo. Conforme afirma Freud (1913), em “O Início do Tratamento”, “nada é tão caro quanto a doença, e a estupidez”, frase que em nossa língua podemos jogar com a palavra “caro”, e compreender que a doença é - Seio Fezes Pênis Dinheiro - cara porque é custosa, certamente, mas também, muito querida. Aquele que trabalha com o sofrimento psíquico não pode esquecer-se desta segunda dimensão da doença neurótica, ou estará fazendo um desfavor ao doente e a prática da psicanálise.

Referencial Teórico:

FREUD, S. Caráter e Erotismo Anal. [1908]. In: Obras psicológicas completas. Ed. Standard Brasileira (ESB). Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. IX.

FREUD, S. Sobre o início do tratamento. [1913]. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal. 1917. In: Obras psicológicas completas. Ed. Standard Brasileira (ESB). Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XVII.

QUINET, Antônio. As 4+1 condições da análise. 12. ed., Editora: Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2009.

_____. Escritos da Clínica. 2010. Ed. Unijui, Ijuí/RS.

Disponível em:

<http://espacotransicional.blogspot.com.br/2013/01/porque-pagar-pela-psicoterapia.html>

<http://gestopsicanalise.com.br/ensaios/a-questao-do-dinheiro-em-uma-clinica-institucional-2>

http://www.unijui.edu.br/arquivos/clinicapsicologia/informativos/falandonisso3/questoessobreopagamento_anaecarla.pdf

Acessado última vez em: 23/05/2015 às 05:04